



Plucko

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO -CCE
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO - CSJ

DISCIPLINA: PROJETOS EXPERIMENTAIS (COM 5808)
FASE: 8ª - TURMA 0883

PROFESSORA: AGLAIR BERNARDO

Relatório do Projeto de Conclusão de Curso



“Tempo Livre”

*Série de 3 (três) programetes sobre turismo em Florianópolis
com aproximadamente 4 (quatro) minutos cada um*

1998

OMAR FELIPE PALUDO
(Matrícula: 9318329-1)

Ilha de Santa Catarina, 15 de dezembro de 1998



SUMÁRIO

| <i>Assunto</i> | <i>Página</i> |
|--|---------------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 05 |
| 1.1. Apresentamos: “Tempo Livre” | 05 |
| 2. HISTÓRICO..... | 06 |
| 2.1. <i>Trajatória Pessoal: Estudo e Objetivo</i> | 06 |
| 2.2. <i>Como Tudo Começou: A Descoberta</i> | 06 |
| 2.3. <i>Um Pouco de Mim: O Passado Explica</i> | 07 |
| 3. BUSCANDO PARCEIROS | 09 |
| 3.1. <i>A Negociação do Projeto com a TV Barriga Verde</i> | 09 |
| 3.2. <i>A Viabilização do Projeto com a TV Barriga Verde e com outros parceiros</i> | 10 |
| 4. DIFICULDADES..... | 12 |
| 4.1. <i>Garoa, Chuva e Tempestade + Probleminhas, Problemas e Problemões</i> | 12 |
| 5. O PROJETO “Tempo Livre” | 14 |
| 5.1. <i>Concepção: Formato e Linguagem</i> | 14 |
| 5.2. <i>Pré-Produção: Pauta, Abordagem, Contatos e Locações</i> | 14 |
| 5.3. <i>Gravação: Captação de Imagens e Áudio</i> | 15 |
| 5.4. <i>Entrevistas: As Fontes de Informação</i> | 16 |
| 5.5. <i>Decupagem e Roteirização: Minutagem, Descrição, Seleção e Seqüência</i> | 16 |
| 5.6. <i>Trilha Sonora: O Ritmo do som dá o tom da edição</i> | 17 |
| 5.7. <i>Pré-edição, Edição e Finalização: Pré-teste, Audiência, Correções e Acabamento Final</i> | 18 |
| 6. BaStiDoReS | 20 |
| 6.1. <i>Por Trás das Câmeras: Os erros nas gravações e outras gafes</i> | 20 |



***“ O homem vale pelo que pensa,
pensa pelo que sabe e
sabe pelo que lê e se comunica”***

Felipe Omar Paludo

***“ As pessoas esquecerão quão
rápido você fez um trabalho,
mas sempre lembrarão quão
bem você o fez”***

Howard Newton



HOMENAGEM ESPECIAL

O PROJETO "*Tempo Livre*"
É DEDICADO COM ESPECIAL
CARINHO AO PROFESSOR E
AMIGO

José Soares Gatti Júnior

AGRADECEMOS

A DEUS
AOS NOSSOS PAIS
AOS NOSSOS AMIGOS
AOS PROFESSORES DO CURSO DE JORNALISMO/UFSC

TV BARRIGA VERDE
BRDE
LABVÍDEO/UFSC
LOJAS RENNER
BURTET ARQUITETURA & DESIGN
ESTABELECIMENTOS ENVOLVIDOS NAS GRAVAÇÕES
CURSO DE JORNALISMO/UFSC

EM ESPECIAL A NOSSA
ORIENTADORA E AMIGA
Aglair Bernardo

A TODOS VOCÊS QUE
ACREDITARAM NESTE PROJETO
NOSSO MAIS PROFUNDO RESPEITO
PELA ATENÇÃO E COMPREENSÃO

Felipe Omar Paludo & Cláudio Narciso

"Tempo Livre"



1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentamos: “Tempo Livre”

Ao assistir aos aproximadamente quatro minutos que cada um dos três programetes sobre turismo em Florianópolis - “Tempo Livre” - apresenta, o telespectador nem imagina os bastidores de todas as etapas de sua realização. Desde a trajetória pessoal dos dois alunos, que ambicionam mais do que simplesmente se formar e apresentar um belo trabalho de conclusão de curso, até a oportunidade de ver reconhecido todo o aprendizado que absorveram durante os quatro anos de curso.

A tarefa não foi fácil. Foram dias e dias de reuniões com a orientadora para definir a linguagem, o formato, a concepção, a roteirização, a captação de imagens, abordagem; e mais dias e noites pensando e repensando em enquadramentos, trilha sonora, edição, arte, finalização; fins de tarde com seções de “brainstorming” entre amigos e colaboradores para escolher o nome do programa; madrugadas decupando fitas e elaborando roteiros de edição; e, para completar, finais de semana digitando, organizando, contatando com as pessoas e proprietários dos estabelecimentos que seriam envolvidos nas gravações. Conclusão: 24 horas por dia, desde meados de junho, que estou girando em torno desse sonho. Um sonho que está se tornando realidade graças a Deus, a meus pais, a sensacional orientação da Aglair, e ao apoio do meu amigo Cláudio Narciso, que em meados de outubro, acreditou, confiou e começou a sonhar comigo.

Desde o início, esse processo envolveu quase uma centena de pessoas que contribuíram das mais diversas formas e pelas mais variadas razões. As minhas razões são motivadas pela emoção, pelo sonho, pela consciência de querer ser um profissional diferenciado, competente.

Aqui gostaria de abrir um parênteses para agradecer imensamente à Aglair Bernardo, que foi quem abriu meus olhos para a oportunidade que este projeto de conclusão de curso representa a nível pessoal e profissional. Foi a partir de uma conversa que tivemos em junho deste ano, que decidi mudar radicalmente meu projeto final.

Nascia o “Tempo Livre” .



2. HISTÓRICO

2.1. Trajetória Pessoal: Estudo e Objetivo

Durante o curso, meu contato com a produção de áudio-visual deu-se quando cursei as disciplinas de Redação para TV, Telejornalismo I e II, Locução e Apresentação em Rádio e TV, Programa Piloto em TV, Cinema I, Roteiro de Cinema e Vídeo. Em paralelo estava cursando as disciplinas do mestrado, na engenharia de produção e sistemas, na área de mídia e conhecimento, passando por disciplinas, como: Bases Cognitivas da Informação, Aspectos Psicológicos do Trabalho - onde estudamos as linguagens da visão tridimensional, entre outras.

Como sempre objectivei realizar um projeto em televisão, na época ainda não sabia o que especificamente, o estudo empreendido foi fundamental para que eu pudesse ter consciência das possibilidades e limitações do veículo e principalmente das minhas próprias limitações. Mas uma certeza eu tinha: Vou fazer. A oportunidade apareceu em um período bastante turbulento da minha vida pessoal e profissional, mas o projeto, o sonho de realizá-lo tinha prioridade.

Com a possibilidade de concretizar a proposta através do trabalho de conclusão do curso de jornalismo, não pensei duas vezes. Afinal, este espaço é ideal para fazer algo diferente - experimentar novas linguagens.

2.2. Como Tudo Começou: A Descoberta

Março de 1998. Foi aqui que comecei a idealizar um projeto para a TV. Primeiro passo: decidir qual o assunto. Foi aí que encontrei minha amiga Luiza Gutierrez, apresentadora do programa Magazine, no SCC. Luiza disse-me que estava reestruturando todo o programa e que gostaria de contar comigo para auxiliá-la na nova concepção. Perfeito!. Porém, essas mudanças só começariam a ser programadas em abril, após a páscoa, e a Luiza pediu-me que a procurasse nesse período. Fiquei honradíssimo com o convite. Mas, para sorte dela - e ela merece, uma emissora de Tocantins a convidou para trabalhar lá, com um salário superior em cinco vezes ao que ganhava aqui. Luiza foi. Eu perdi meu contato no SCC, e estava novamente à procura de algo que me motivasse.

Em maio, estava pensando em fazer um vídeo educativo sobre a pauta em televisão. Um projeto que já havia sido realizado no curso e eu apenas o revitalizaria. Decididamente não estava empolgado com a idéia, mas precisava ter um projeto de conclusão. E eu tinha, mas não acreditava nele. Foi nesse momento que encontrei a Aglair, em meados de junho, e comentei a respeito do meu projeto - aquele da pauta em TV, no qual



eu não acreditava . Na mesma hora ela me disse: “ *Todos vão se formar, mas você precisa decidir se quer ser um profissional medíocre - e estes têm de sobra no mercado, um profissional mediano - que são poucos, ou um profissional diferenciado - e destes o mercado está desesperadamente à procura porque são escassos*” . Era justamente o que eu precisava ouvir. Pensei e concluí: Não basta fazer qualquer projeto bem feito, é preciso fazer Um Projeto Super Bem Feito. Algo de que goste, algo que me realize pessoal e profissionalmente. Voltei a procurar a Aglair. Foi uma conversa fundamental. Estava decidido: Vou investir no meu sonho. Para tal era necessário buscar parceiros, pois no curso os recursos técnicos do laboratório apresentam uma limitação muito grande para extrapolar na linguagem e no formato. E eu queria fazer um trabalho de conclusão que fosse diferenciado, que eu aprendesse com ele, sentisse “ tesão” e que me apresentasse ao mercado de trabalho. Afinal, mais uma vez a Aglair: “ *Você decidiu fazer um trabalho em vídeo. E em vídeo é muito fácil fazer besteira, e aí é complicado porque lá está a tua cara estampada na tela e o teu nome, só falta mesmo o telefone para as pessoas ligarem e te xingarem ou te elogiarem, vai depender de ti, homem!* “

Neste instante, pensei: as emissoras locais estão carentes de bons projetos. Não hesitei, fui até a Rede Barriga Verde, a fim de verificar quais eram as necessidades da emissora. Lá chegando fui recebido pelo Gerente Geral, Sr. Paulo Veloso e pelo Gerente Operacional, Sr. Roberto Bertolim. Já tinha um Projeto em mente, mas por cautela, primeiramente, após expor a eles minha intenção e de dizer-lhes que seria um projeto experimental, questionei-os a respeito das necessidades da emissora em termos de programação. Roberto disse-me que estavam precisando no momento produzir um programa sobre agricultura, de 30 minutos, para ir ao ar aos domingos de manhã e vários programetes sobre temas variados como saúde, educação, infra-estrutura, meio-ambiente, e finalmente disse o que eu queria ouvir: Programetes sobre Turismo. Disse-lhe que em uma semana retornaria com uma proposta por escrito para que pudéssemos viabilizar esses programetes. Fui direto até a Aglair. Empolgadíssimo com a idéia, no caminho já ia imaginando como. A Aglair topou. Vibrei!

2.3. Um Pouco de Mim: O Passado Explica

Vibrei mesmo. Ah!, um sonho, um sonho que desde criança quando todos pensavam em ser médicos, engenheiros e outros doutores, eu não. Queria ser Guia Turístico. Pode? O tempo passou, cresci e ganhei gosto pelas tarefas empresariais, motivado pelo meu pai. Acabei cursando administração de empresas na ESAG. Um curso que adorei, mas volta e meia o meu sonho me acordava e insistia em ser realidade. No final do curso de administração, depois de estágios em empresas e em bancos, fiz o trabalho de conclusão em Marketing no Hotel Diplomata. Por quê? Porque de todas as áreas da administração, o marketing, em especial o setor hoteleiro é o que está mais intimamente ligado ao meu sonho, ao Turismo. Desenvolvi um trabalho motivado, apaixonado, estava fazendo algo que desde criança me envolvia. O resultado e o reconhecimento foram ma-ra-vi-lho-sos.

No entanto, concluído o curso na ESAG, com mérito, ainda sentia que faltava algo. Prestei vestibular para Comunicação Social - Jornalismo. Comecei o curso em 93, em



08

meados de 94 tranquei-o para estudar computação, espanhol e começar o Mestrado na Engenharia de Produção. Minha tese: " A influência de prescrição e da pressão temporal sobre o comportamento humano no trabalho, visando à melhoria da qualidade de vida no trabalho". Para desenvolvê-la, penso em fazer um estudo de caso em uma emissora de TV e em um banco. Comparar o trabalho destes profissionais igualmente destinados a correr contra o tempo e a seguir algumas regras. Era o sonho que continuava a me perturbar todas as horas. Resolvi voltar a sonhar em 1997. Reabri a matrícula do Jornalismo para cursar as poucas disciplinas que faltavam. Cursei-as durante 97, em paralelo com as disciplinas do mestrado. E, sempre trabalhando - desde os 17 anos. Tinha o dia lotado. Em 1998, concluídas as disciplinas do mestrado e faltando apenas duas no jornalismo, decidi: vou dedicar-me novamente ao jornalismo, até porque para defender minha dissertação de mestrado tenho prazo até março de 2000.

Para me instrumentalizar mais, aprimorar meus conhecimentos, cursei a disciplina Locução e Apresentação em Rádio e TV, com o professor Aúreo Moraes e a disciplina Programa Piloto em TV, com a professora Aglair Bernardo, li teses da antropologia sobre turismo e o turista, recorri ao meu relatório de conclusão da ESAG que contém informações sobre turismo, e comecei a assistir e a ler tudo o que se relacionasse com o tema.



3. BUSCANDO PARCEIROS

3.1. A Negociação do Projeto com a TV Barriga Verde

Voltei à TV Barriga Verde com o Projeto, aquele que entregamos à professora da disciplina de técnica de projetos, aliás, a Sônia Maluf foi perfeita em sanar minhas dúvidas a respeito. Apresentei-o ao Roberto e ao Paulo Veloso e eles adoraram. Toparam a idéia: realizar três programetes de aproximadamente quatro minutos cada um sobre turismo em Florianópolis, que seriam apresentados após a entrevista de sábado à noite, às 19:40h., ou seja, às 19:55h., antes do Jornal da Band, apresentado pelo Paulo Henrique Amorim. Perfeito, dia nobre, horário nobre, não podia vacilar, era o meu sonho, e este também é nobre.

A emissora estava passando por problemas entre os sócios. A atual diretora Maria Odete Brandalise Bonato perdeu a direção da emissora para seu irmão, Sr. Saul Brandalise Júnior. Com isso saíram também o Roberto e o Paulo Veloso. E já estava tudo certo, mas naufragava o meu sonho, começava o pesadelo. "NÃO, eu não vou desistir nunca!", pensei. Voltei à emissora, apresentei-me ao novo diretor operacional, Sr. Luiz Carlos Araújo - um profissional e ser humano ímpar, super atencioso e dedicado - que também aprovou a idéia. Procurei ver o lado bom: o projeto era o mesmo, as pessoas mudaram e também aceitaram-lo na íntegra. Já sentia confiança na idéia. Depois disso, tive certeza.

Porém as confusões estavam só começando. A Maria Odete recuperou os direitos na justiça e voltou à emissora. Voltaram o Roberto e o Paulo Veloso. Tudo de novo, voltei a procurá-los para acertarmos o início das gravações. Já tinha, juntamente com a Aglair, definido qual seria a abordagem dos três programetes, feito um pré-roteiro, conversado com algumas pessoas. Tudo certo. Não, tudo errado. Mais uma vez, agora em definitivo, a justiça dava ganho de causa ao Sr. Saul Brandalise Júnior. Logo, este voltou e com ele a sua equipe. Estava ansioso, preocupado, mas também pudera, concordam comigo? "E lá fui eu de novo, coração nos olhos, num final de tarde..." Nunca deixei de acreditar. Já tinha a certeza, mas estava esgotado com todas essas intempéries que fugiam ao meu controle. Luiz Carlos, o Gerente Operacional, recebeu-me de braços abertos. "Desta vez vai", pensei. E foi.

Em setembro, quando pensei que estava tudo tranquilo, o novo Gerente Comercial da emissora, Carlos Eduardo Lino, disse-me que para eles só seria viável se fossem feitos três programetes de até quatro minutos mais 15 programetes de um minuto. Disse-lhe que não poderia realizar tantos em tão pouco tempo, afinal, trata-se de produção, não de meras reportagens. Voltei à emissora, agora com a Aglair, conversamos com o Carlos Eduardo Lino, o "Cacau", aquele do esporte. Um cara gente fina. Aceitamos empreender todos aqueles programetes. Mas eu estava preocupado. Trabalho todas as tardes no Banco e teria pouco mais de dois meses para fazer tudo. Parei e pensei: "É o meu sonho, ou faço pra lá de impecável ou não faço". Como só admitia a primeira opção, voltei à emissora, para falar com o "Cacau", mas ele estava em São Paulo, negocie então com o Luiz Carlos e lhe propus realizar em vez de três programetes de quatro minutos e 15 de um minuto, realizar três de até quatro minutos. Afinal, são programetes experimentais e, antes de disponibilizar recursos, é



necessário avaliar a proposta em vídeo para mensurar sua viabilidade (em termos de custos, formato, linguagem, etc), e a partir da avaliação destes, empreender os demais. Iria ter que me desdobrar em mil, mas acreditava. Luiz topou a idéia e agendamos a primeira gravação.

No final de setembro, uma boa surpresa: o Cláudio Narciso veio conversar comigo, porque tomou conhecimento do projeto na aula de técnica de projetos, quando apresentei-o aos alunos e à professora. Achei sensacional, pois já havia convidado outras duas alunas: uma sem tempo e a outra com medo. Esta disse-me que era “profissional demais”. Pode? Sem comentários. Apostei na garra do Cláudio e não me arrependi, afinal, TV é feito por muitas pessoas. Reconheço que tenho limites e defeitos, e o Cláudio e a Aglair conseguiram me fazer vê-los. Foi doloroso, mas enriquecedor. O Cláudio logo depois, em meados de outubro, propôs-me que além de colaborador, gostaria de ser um dos integrantes do projeto, que também o empolgava. Topei na hora, pois senti que ele também acreditava nesse sonho, que a partir de agora não era mais meu, era nosso.

3.2. A Viabilização do Projeto com a TV Barriga Verde e com outros parceiros

Boas notícias. Conversando com o Fernando Crócomo, descobri que o diretor administrativo do BRDE em exercício, Sr. João Carlos Grando, é formado em jornalismo na UFSC. Colega do Fernando e meu Chefe. Ótimo, pedimos apoio cultural. Fernando solicitou para o Universidade Aberta na TV e eu para o “Tempo Livre”. Quando fui falar com o Grando, o Fernando já havia feito a solicitação para o UA na TV, e como o orçamento para publicidade estava no fim, Grando disse-me que dos apenas R\$ 6.000,00 que restavam, iria encaminhar, se o Fernando concordasse, R\$ 800,00 para o “Tempo Livre” e o restante para o UA na TV. Graças ao Fernando, consegui viabilizar o recebimento da parcela destinada ao “Tempo Livre”, um amigo e profissional competetíssimo. Não bastasse isso, em muito tem ajudado, a mim e ao Cláudio, nas pré-edições que fazemos no curso, onde contamos também com a amizade e o bom trabalho do Fábio Almeida na ilha de edição.

No BRDE também consegui a compreensão dos meus colegas de trabalho que entenderam meu cansaço - estampado no rosto - e a minha necessidade de alterar horários para atender ao meu projeto. Inclusive, o apoio foi incondicional, até o pessoal dos setores em que não trabalho contribuíam com sugestões. O pessoal do apoio à informática foi incansável e, graças a eles, o trabalho de arte do programete da praia mole e outros serviços de computação gráfica puderam ser realizados.

Na TV Barriga Verde também tivemos todo apoio técnico e profissional de pessoas gabaritadas. O “poderoso chefe” - Sr. Saul Brandalise Júnior, e toda sua equipe: Luiz Carlos Araújo, Carlos Eduardo Lino, Ivan Lucas dos Santos, Jair Antônio Corrêa, Deivi Bittencourt, André Souza, Sérgio Bittencourt, Valdene, Gisa, Boni, Deliris, André, todos, sem exceção, apostaram no projeto e nos ajudaram muito.

Nas Lojas Renner consegui, através do meu amigo Marcelo de Paula - produtor de moda, com que o gerente, após conhecer o projeto, autorizasse para que todo o figurino necessário ao apresentador (no caso eu mesmo) fosse liberado para as gravações.

Ainda contei com os bons serviços profissionais prestados pelo amigo Maurício Burtet, um arquiteto nota dez, que foi o responsável pelo design do logotipo e pela arte do



programete que sugería um passeio ao sul da ilha em dia nublado.

O BRDE, a TV Barriga Verde, o LabVídeo do Jornalismo/UFSC, as Lojas Renner, o Burtet Arquitetura são parceiros que acreditaram e sonharam conosco.

Com tanta gente apostando, caprichamos. Em todos os momentos nos preocupávamos com cada detalhe: tipo de tomada, enquadramento, luz, plasticidade, arte, caracteres. Nas edições, outra ginástica para definir com precisão o quadro certo: se tira teto em determinada cena, se entra informação em caractere na outra, se entra arte em cima, se a passagem seria com fusão ou com corte-seco. A trilha sonora foi pensada detalhadamente para que a "batida" na música - determinada nota musical - casasse perfeitamente com o clima da cena e com a passagem para outra cena.



4. DIFICULDADES

4.1. Garoa, Chuva e Tempestade + Probleminhas, Problemas e Problemões

Não parava de chover em Florianópolis, era impossível pensar em gravar com tanta chuva e tempo nublado. Mas a Aglair teve uma idéia "supimpa": Fazer um programa que sugira ao turista o que fazer em Florianópolis num dia nublado. Afinal, se ele já fez compras, já conheceu os pontos turísticos do centro da cidade e não pode ir à praia porque o sol insiste em não aparecer, vamos levá-lo para um passeio de carro até o sul da ilha. Sim, de carro, porque dessa forma identificávamos um dos potenciais patrocinadores para a comercialização deste programete: locadoras de automóveis.

Em meados de setembro, marcamos para o dia 01 de outubro a primeira gravação. Tínhamos que ter cuidado, afinal, era véspera de eleições, último dia de campanha política. Nossas gravações se iniciaram no centro da cidade às 9 horas. Para nossa sorte gravamos as cenas do centro antes que os ativistas e cabos eleitorais tumultuassem a paisagem e inviabilizassem as gravações. Nessa primeira gravação, estávamos sem monitor e tínhamos o tempo de gravação limitado: das 9 horas às 14 horas, para cumprir a pauta. A Aglair, incansável, acompanhou na íntegra todo o tempo de gravação. Tive a colaboração do Murilo e também a cooperação do Leonardo Collares, que foi com seu carro para nos auxiliar. Nesse dia, testamos também a Kelly para a apresentação do programa, mas não deu certo. Reconheço minhas limitações quanto à voz. Com três anos operei as amígdalas, o que resultou numa faringite crônica, e para completar, o tratamento ortodôntico que realizei durante mais de 10 anos, provocou problemas na minha dicção. Mas não desisti e encarei a tarefa. Afinal, já estava treinando para caso isso acontecesse: Fiz a disciplina do Aúreo, locução e apresentação em rádio e tv, e procurei uma amiga fonoaudióloga que me deu umas dicas.

Sr. Saul Brandalise Júnior, mesmo tendo visto o programa inacabado, elogiou as imagens e deu alguns toques valiosos. Compreendeu a idéia e autorizou que eu negociasse com o Luiz Carlos a realização dos outros dois programetes, que quando estivessem prontos ele assistiria. Luiz Carlos combinou comigo que, como os custos de diária de gravação e as horas de edição são caras, faríamos três programetes para experimentar e, a partir destes, empreenderíamos os demais. Ótimo, era bem o que eu havia proposto inicialmente.

Faltava gravar o da Praia Mole, e em Florianópolis não parava de chover. Mas, numa ensolarada quinta-feira, 19/11/98, gravamos. E com toda estrutura disponível: uma topic novinha, o câmera e o auxiliar da equipe de produção da TV, o Raul - grande amigo fazendo assistência de produção, eu, o Cláudio, e todo o equipamento solicitado: sorvetão, tripé, *sun gun*, betacam digital, e, agora sim, com o monitor. Gravamos das 10 horas da manhã às 20 horas direto. Fizemos imagens para completar o primeiro programete e gravamos as chamadas de apresentação dos três programetes. Tudo perfeito, ou melhor, quase: o *sun gun*, pela segunda vez em que saíamos para gravar, estava sem luz. Mas como vontade e criatividade não faltavam, a iluminação natural do fim de tarde para gravar dentro do Café dos Araças, a chamada do programa noturno foi perfeita. Para que tudo acontecesse dentro do



planejado, antes do dia da gravação, eu e o Cláudio fomos até a praia mole e fizemos todo o roteiro, definimos cenas, contatamos com os donos dos bares, salva-vidas, associações dos surfistas, escola de parapente, pedindo autorizações para gravar. Pré-produção total.

O mesmo eu fiz antes de sair para gravar o programa da noite. Uma semana antes eu e um amigo, o Ricardo, fizemos todo o roteiro da pauta e paramos em todos os locais em que iríamos gravar. Falei com os donos dos estabelecimentos e com os funcionários, pedindo autorização. Todo o meu tempo, até de madrugada, estava sendo absorvido pelo meu sonho. Já estava sonhando acordado. Meus pensamentos giravam somente em torno do "Tempo Livre". Não estava conseguindo, mas precisava me concentrar em meu "ganha pão", - meu trabalho no banco. Estou em um setor novo, chefe novo, tudo novo, e não conseguia render o suficiente, pura ansiedade. Dito e feito, em julho quando entrei nesse setor, fiz os exames médicos solicitados e estava tudo normal. No início de outubro, resolvi fazer uma consulta para ver se existia algum remédio para diminuir minha ansiedade, que já estava me causando insônia, fiz mais alguns exames, e o médico alertou-me da possibilidade de um princípio de úlcera nervosa. Ainda mais essa, mas não desisto, não agora. Nem nunca.



5. O PROJETO “Tempo Livre”

5.1. Concepção: Formato e Linguagem

Realizar programetes sobre turismo em Florianópolis, que fossem informativos ao turista e ao telespectador, incentivá-los a preservar a natureza e a respeitar as pessoas, utilizando linguagens que se afastassem dos padrões já consagrados no jornalismo comercial, dando um tratamento especial a cada um dos programetes. Explorar potencialidades da linguagem audiovisual através de pautas não factuais. Afinal, cada um deles mostra uma faceta distinta da cidade e aborda ambientes e iluminação diametralmente opostas: o primeiro, dia nublado: dentro do carro, num passeio; o segundo, a noite: faróis, bares, boites, penumbra, e o terceiro, dia ensolarado: praia, sol, céu e mar. Trabalhar com os depoimentos das pessoas entrevistadas, evitando a presença em vídeo do repórter. Amarrar as informações e as passagens através das falas das pessoas, fazendo bom uso dos recursos da linguagem audiovisual. Trabalhar com fusões, cortes secos, arte, enquadramentos na diagonal, passeios de câmara nas cenas - dar ritmo de vídeo-clipé na edição das imagens. Dentro deste contexto, desta proposta concebemos o “Tempo Livre”.

5.2. Pré-Produção: Pauta, Abordagem, Contatos e Locações

Antes de sair para gravar, definíamos a pauta, a abordagem, delimitávamos o universo a ser focado e, uma semana antes de cada gravação, realizávamos todo o percurso, a fim de identificar as tomadas, os enquadramentos, conversar com as pessoas, verificar se concordavam em dar entrevistas, pedir a autorização dos proprietários de estabelecimentos para poder gravar. Enfim, elaborávamos um pré-roteiro para o dia de gravação. Mas, em nenhum momento, prendemo-nos a ele como uma camisa-de-força. Procurávamos nos dias de gravação estar atentos para pessoas e situações que pudessem contribuir significativamente com a proposta.

E assim aconteceu. Em todas as saídas de gravações o inusitado acabou enriquecendo as cenas. Só para ilustrar, no final das gravações do programa do passeio em dia nublado, encontramos um casal de estrangeiros. Ele, Thierry, belga; ela, Kety, filha de japoneses, ambos falavam português e a entrevista que concederam ilustrou perfeitamente as sensações que o turista sente ao visitar o sul da ilha.

Na segunda gravação, alguns dos locais pautados no pré-roteiro não ofereciam na noite da gravação possibilidades de ganhos na linguagem. Estavam vazios, sem público. Então decidimos rapidamente mudar o enfoque e, ao invés de mostrar os lugares não



convencionais da noite florianopolitana, mostrar os lugares - convencionais ou não - que as pessoas freqüentam no centro da cidade. Nessa hora, foram incluídos na pauta o Café Cancum, o Mix Café e o Ilhéu Bar. Do pré-roteiro original, permaneceram apenas as locações: Select Loja de Conveniências, num posto de gasolina, e o Hause Lanches. O olhar atento permitiu que descobríssemos um bar muito doido, o Experience Tattoo Art Bar, freqüentado por uma tribo bem diferente. Foi maravilhoso. No centro de Florianópolis, opções para todos os gostos e para todos os bolsos.

Na Praia Mole, depois de um mês de espera e três saídas canceladas em virtude do mal tempo, o dia amanheceu ensolarado e lá fomos nós. A praia estava cheia, apesar de ser quinta-feira. Muitos estudantes pareciam ter "matado" aula e muitos profissionais "enforcado" o trabalho. Ótimo. Queríamos mostrar o que acontece na Mole, que reúne todas as tribos. E lá estavam todas elas: os salva-vidas, os parapentistas, os surfistas, as gatinhas, os gays, os skatistas, o pessoal da malhação, e todos contribuíram de forma sensacional. O pessoal do S.O.S Praia Mole, o diretor executivo da Associação dos Surfistas e Amigos da Praia Mole, os comerciantes dos Bares, em especial o "Cachorrão" do Da Hui - Moenda Bar e seu irmão, o "Alemão", que inclusive saltou de parapente com uma câmera para captar as imagens aéreas que queríamos, contribuíram muito. Muitas surpresas iam dando novos contornos ao pré-roteiro e melhor ilustrando o enfoque da pauta.

Pré-produção tem dessas coisas: liga, marca, desmarca, conversa, roteiriza, define a seqüência de gravação, e no final outras coisas: o inesperado, uma cena, um entrevistado que não se esperava, acabam enriquecendo o vídeo. Isso a Aglair nos ensinou, pré-produzir, mas nunca esquecer daquele olhar crítico em volta no momento das gravações.

5.3. Gravação: Captação de Imagens e Áudio

Nesta etapa, a Aglair mais uma vez me alertou que um projeto desses merecia ser cuidadosamente tratado. Esbarrei num problema operacional: utilizar o equipamento do curso. Teria que me sujeitar aos horários disponíveis do laboratório de vídeo que, além de escassos, eram incompatíveis com meus compromissos profissionais no BRDE, onde trabalho todas as tardes. Os horários no curso para gravação e edição são todos no período vespertino, e para complicar, somente terças, quintas e sextas. Pela proposta dos programetes - Turismo - os melhores dias e noites para realizar as gravações seriam justamente os finais de semana, no caso da gravação noturna seria impossível, ou no caso da praia, quando o sol resolvesse aparecer. Realmente, pela limitação do equipamento e pela restrita disponibilidade e flexibilidade do horário do curso seria impossível viabilizar o projeto. E, além do mais, a riqueza do material em termos de imagens e entrevistados exigia uma captação em qualidade superior a que seria possível com o Super-VHS.

Decidi: apresentei o projeto à direção da TV Barriga Verde, que identificou na proposta o suprimento de uma de suas necessidades em termos de programação. A emissora entrou com os horários de edição e com as diárias de gravação, disponibilizando profissionais (câmera, auxiliar e editor), equipamentos (microfones, iluminação, *sun gun*, câmera BetaCam digital, tripé, monitor) e uma Van da Asia motors.



O BRDE acreditou em mim, e com a ajuda do Fernando Crócomo, do LabVídeo, consegui R\$ 800,00 para auxiliar nos custos do *"Tempo Livre"*. Todos os demais gastos foram custeados com recursos próprios, afinal, R\$ 800,00 não deram conta das outras despesas. Então, tomei uma decisão dolorosa e contra a vontade de meus pais, que mais tarde compreenderam. Parei a reforma do apartamento, que levei anos para adquirir, e parte do dinheiro que iria investir lá, investi no meu sonho: *"Tempo Livre"*.

5.4. Entrevistas: As Fontes de Informação

Todos os entrevistados ganharam um tratamento especial em cada programete. Através das falas dos entrevistados, passamos todas as informações dos programetes, que quando necessárias foram completadas com arte ou com curtíssimos textos em off, evitando assim, aquelas passagens do repórter, que fariam com que o vídeo perdesse o pique. Afinal, optamos por uma edição clipada - linguagem de vídeo-clipe, com cortes-secos, fusões, e uma trilha sonora pouco comercial, linguagem esta, que se distancia dos formatos padronizados do jornalismo comercial.

Para provocar nos depoimentos dos entrevistados, um pouco das respostas que queríamos ouvir, todas as perguntas, para cada tribo, para cada pessoa, foram pensadas e roteirizadas com antecipação. É claro que apenas um esboço inicial, mas na hora "h", o tom da conversa definia e revelava novas informações, além das perguntas pré-formuladas.

Conseguimos o que queríamos: as deixas nas perguntas eram captadas pelos entrevistados que iniciavam suas falas por ela, o que permitia-nos na hora da edição amarrar as cenas e realizar as passagens sem a presença da pergunta do repórter, e praticamente sem textos em off, apenas um, quando necessário, e muito curto.

5.5. Decupagem e Roteirização: Minutagem, Descrição, Seleção e Sequência

Se a decupagem do material gravado foi cansativa, difícil mesmo foi roteirizar a edição de cada vídeo. Na verdade, foi doloroso porque tínhamos imagens belíssimas, captadas em horas de gravação e, teríamos que cortar muitas cenas boas para deixar os programetes com até quatro minutos. Foi de amargar, afinal, estávamos apaixonados por tudo e ficava difícil selecionar. Mas conseguimos, acredito, escolher as mais belas e os depoimentos mais contundentes e informativos.

Considerando o material gravado para os três programetes, temos: no do passeio com tempo nublado, foram cinco horas e meia de gravação que resultaram em uma hora de material em fitas beta; no da noite, foram seis horas e meia de gravação que resultaram em duas horas de material em fitas beta; no da praia, foram dez horas de gravação que resultaram em duas horas de material em fitas beta. Ao todo, gravamos durante 22 horas e dispunhamos de um material gravado de cinco horas. E tudo isso seria



transformado em três programetes de até quatro minutos cada um, ou seja, cinco horas de imagens se reduziram a aproximadamente 12 minutos.

Para tanto, foi neste instante que começamos, penso eu, a parte mais exaustiva deste projeto: a decupagem das cenas e das sonoras. Mas, perfeccionistas que somos, realizamos uma decupagem *frame by frame* (quadro a quadro). Descrevemos na íntegra cada cena, cada imagem, o tipo de movimento da câmera - se quadro parado, se panorâmica da direita para esquerda, se da esquerda para direita, se de cima para baixo, se de baixo para cima, se plano diagonal, se *zoom in* ou *out*, etc. Anotamos até os suspiros das sonoras dos entrevistados. A minutagem foi feita com oito dígitos para o início e para o final de cada trecho marcado - hora - minuto - segundo - centésimo. Para o primeiro programa a decupagem foi feita na ilha de edição da TV Barriga Verde, durante uma manhã, mas como a TV precisava dispor do equipamento, as outras duas decupagens foram feitas: a do programa da noite no LabVídeo e a do programa da praia na minha casa. Nessa última, trabalhamos num sábado da uma da tarde até a meia-noite e quarenta, paramos apenas para jantar. Isso foi possível porque para todo material gravado em beta, fazíamos uma cópia para VHS com time-code aparente.

Pronta a decupagem, passamos a montagem do roteiro, onde consumimos mais alguns dias de trabalho. Para esta etapa, adotamos um método que privilegiava a informação na "boca dos entrevistados", que é o que iria "costurar" todo o vídeo, através da cobertura das sonoras por belas imagens e trabalho de arte. Decisões de como realizar as passagens, corte seco aqui, "com fusão" (hehehe!!) ali, um *strobo* naquela panorâmica, emoldurar as imagens feitas em VHS pelo cinegrafista amador que vôo de parapente, para distingui-la das imagens captadas em beta digital. Dúvidas, seguidas de decisões. Dolorosas decisões, afinal, estávamos selecionando o material, conscientes de que todo o restante, também bastante belo e com depoimentos bárbaros, não seria aproveitado. Pelo menos não nesses programas, mas quem sabe nos próximos, já que as imagens vão ser arquivadas pela TV, que aposta na continuidade do projeto. Para nós: ótimo, é tudo o que sonhei, ou melhor, sonhamos, já que o Cláudio sempre está do meu lado. Um perfeito amigo que às vezes me dá uns cortes quando a minha mania de planejamentos prévios minuciosos ultrapassa os limites aceitáveis. Um equilíbrio muito bom que fez com que as atividades se encaminhassem dentro do cronograma.

As escolhas foram difíceis, mas o mais empolgante é que depois de começarmos o roteiro, a partir de determinada altura, o próprio vídeo nos apresentava, nos orientava qual seria a melhor sonora e a melhor imagem na continuidade.

5.6. Trilha Sonora: O Ritmo do som dá o tom da edição

Estávamos dando um tratamento diferenciado a cada programete, sempre buscando algo inovador, explorando uma nova linguagem, buscando um novo padrão estético. Para tal, a trilha sonora foi pesquisada com uma idéia em mente: não colocar músicas que estivessem já carimbadas no circuito comercial para não passar ao telespectador a idéia de

"isso eu já conheço". Para cada programete pensamos numa música que ao mesmo tempo



que fosse mais “inédita” aos ouvidos, também “casasse” com a edição clipada dos programetes e que fundamentalmente passasse a idéia do vídeo, ou seja, estivesse sintonizada com o ambiente mostrado. Assim, a trilha para o programa noturno é mais *dancing*, enquanto a da praia mole é mais *reggae*, e para este pensamos em trabalhar com músicas de grupos locais, para caracterizar melhor o espaço e o público que frequenta a praia, afinal foram eles, os entrevistados, que nos deram as dicas sobre “o som que rola no pedaço”.

Para o programa do passeio de carro, uma música ritmada, com uma batida forte, que desse a idéia de viagem.

O importante é que em cada um deles nos preocupamos em colar cada arranjo da música sobre o trecho específico da imagem que estava no vídeo, para que a “batida” da música se encaixasse perfeitamente com a mudança da cena através de corte-seco ou fusão.

Para escolha das trilhas, pesquisamos e ouvimos muitas músicas. A maioria das músicas escolhidas foram sugeridas pela orientadora. Eu confesso que me esforcei ao máximo, mas o ouvido da Aglair e o do Cláudio foram um ganho incalculável.

Caprichamos na hora de aplicar a trilha: sobe som, som a BG nas sonoras dos entrevistados, corta para pegar o som original. No caso do programa da noite, onde um dos entrevistados coloca o som no carro a todo volume e sai cantando pneu - não poderíamos deixar de caracterizar essa cena. No programa do passeio, a música vai a BG na sonora do turista para dar a idéia do deslumbramento dele ao ver a paisagem do Morro das Pedras. No programa gravado na praia, o entrevistado canta um trecho da música “vagabundo confesso”, do grupo dazaranha, onde resolvemos fazer uma aplicação: o entrevistado começa cantando e o grupo continua, bastou subir o som que estava em BG e cobrir a imagem com um passeio da câmera nos CD’S que estavam no Da Hui Moenda Bar, e revelavam o gosto musical dos frequentadores da praia. Tomamos muitas outras decisões, todas cercadas de cuidado e meticulosidade.

5.7. Pré-edição, Edição e Finalização: Pré-teste, Audiência, Correções e Acabamento Final

Todos os programetes foram pré-editados a partir das cópias em VHS com time-code aparente, na ilha de edição do LabVídeo do Curso de Jornalismo/UFSC. Na pré-edição, feita a partir do roteiro, as seqüências das imagens e a trilha sonora eram cuidadosamente arranjadas, a fim de verificarmos os enquadramentos, decidirmos onde entrariam sonoras, pontos de corte, de que forma entraria a arte, que caracteres usaríamos, estes detalhes eram pensados anotados e, após os programas pré-editados prontos, decupávamos com precisão de detalhes todos os recursos usados em cada quadro: em quanto aceleramos a imagem, se usamos *slow*, que recursos gráficos entram em cada cena, etc.

Dessa forma, quando íamos editar os programetes na ilha de edição da TV Barriga Verde, utilizando as imagens em BetaCam Digital, ganhávamos tempo porque sabíamos exatamente o que fazer para que do início ao final de cada programete as imagens, as sonoras, a trilha sonora, os caracteres e a arte compusessem um vídeo atraente e harmônico, revestido de uma linguagem e formato diferenciados dos padrões usuais em



jornalismo. Além disso, sempre mostrávamos os programas pré-editados a algumas pessoas, a fim de realizar uma audiência para identificar as mudanças necessárias antes da edição final na TV.

Na TV Barriga Verde, realizamos a edição e finalização dos programetes na unidade de produção, em uma ilha onde as melhores produções da empresa são editadas e finalizadas. O profissional que operou os equipamentos, Ivan Lucas dos Santos, é contratado da TV Barriga Verde e contribuiu, dentro das suas limitações (nem sempre conseguia o efeito que pedíamos, então pensávamos em outro), para a qualidade no acabamento final de cada programete.

Mas, apesar de toda essa infra-estrutura, muitas vezes, durante a edição, surgiam-nos uma idéia que poderia melhorar a passagem dessa para aquela imagem, ou lembrávamos de uma imagem que poderia melhor cobrir determinada sonora, e algumas modificações foram feitas. Por exemplo, decidimos que, como os programetes são de curta duração, e todos possuíam uma gama consideravelmente grande de entrevistados, tendo em vista o tempo de duração, somente aqueles que estavam trabalhando de fato no local gravado é que levariam créditos na tela - o nome e a profissão. Assim evitava-se que a cada momento se "pintasse" a tela com créditos, o que poderia entediar o telespectador que teria que constantemente desviar, mesmo que por três segundos, sua atenção para ler as legendas.

No caso do programete que sugeria o passeio de carro ao sul da ilha, depois de termos feito uma primeira edição inteira, resolvemos mudar tudo, tudo mesmo. Inserimos um mapa, aceleramos imagens, produzimos novas cenas no dia em que saímos para gravar na praia mole, que seriam inseridas no programete, importamos imagens de surf do arquivo da TV. Enfim, demos cara nova ao programete. Afinal, no dia em que o gravamos, não tínhamos imagens suficientes para render um programete, devido ao limitado tempo de gravação. Foi necessário criar mais e produzir melhor. Essa decisão surgiu depois que pré-editamos o programete da noite, que foi o programete que definiu a linguagem clipada e dinâmica. Acertamos então, o ritmo dos demais.

Trabalho árduo e lento. Horas de decupagem, horas de roteirização de cenas, escolha de trilha sonora e efeitos, dias de pré-edição no curso, horas de edição e finalização na TV. Ainda bem que eu e o Cláudio, apesar dos temperamentos tão diferentes, entramos em sintonia fina durante todo o trabalho. Uma característica em comum nos unia: o perfeccionismo em cada segundo de cada programete, além do desejo latente de realizar um sonho: o nosso profissionalismo reconhecido, os anos de dedicação e estudo recompensados, gravados na memória, editados com vontade e finalizados com chave de platina.

Na TV, as edições já eram feitas com finalização, e foi bem mais complicado do que a pré-edição que fazíamos no curso. No LabVídeo, o *avid* edita em Super-VHS e em VHS. A edição é não linear. Logo, quando queríamos, depois de tudo pronto trocar uma cena por outra era fácil. Já na ilha de edição em Beta Digital na TV Barriga Verde, a edição linear não nos permitia a mesma destreza. Se quiséssemos mudar uma cena depois de tudo pronto, podíamos fazê-lo desde que a cena a ser inserida tivesse exatamente o mesmo tempo da anterior, caso contrário, a cena "estourava" sobre a cena que vinha na seqüência e complicava todo o resto.

Tudo isso exigia uma concentração total, e já estávamos bastante estressados, afinal eu estou "respirando" este projeto desde junho. Depois de tudo pronto, tudo mesmo, acho que atingimos o limite da nossa capacidade física. Afinal, foram dias, noites e até madrugadas, durante seis meses, pensando e estudando. Agora, nos últimos dias, estava



tendo até dificuldades para dormir e de me concentrar no meu trabalho no Banco. Mas, como a data de apresentação à Banca do Curso estava muito próxima, desdobramo-nos em quantas pessoas foram necessárias. Durante toda a "jornada" primamos pela busca da excelência. Agora, na reta final, não justificaria e nem eu admitiria que nos descuidássemos. É essencial que todas as fases tenham o mesmo tratamento: impecável. Logo, a finalização e a apresentação deveriam ser planejadas e executadas dentro dessa mesma linha de raciocínio.



6. BaStiDoReS

6.1. Por Trás das Câmeras: Os erros nas gravações e outras gafes

No último dia de edição no LabVÍdeo, resolvemos fazer um *making-off*, contar o por trás das câmeras. A partir daí, editamos *BaStiDoReS*. O objetivo deste programete - já que se trata de um "deboche" - é ser a "anti-versão" em vídeo, compacta e sucinta, é claro, deste relatório de conclusão do projeto final que vocês estão acabando de ler. Não com o mesmo enfoque, muito pelo contrário, trata-se de uma brincadeira, como disse, de um deboche, onde de forma irônica e bem humorada pretendemos mostrar que errar é humano, mas também é hilário. Afinal, o vídeo abre com um aviso: "Agora vocês vão ver como não se faz televisão...". Os erros já começam no aviso, afinal, televisão não se vê, se assiste.

Como decidimos montá-lo na última hora, já que se trata de uma inovação, pois sempre nos trabalhos de conclusão em vídeo é solicitado aos alunos um relatório individual por escrito (e aqui está), imaginamos que seria interessante, coerente e, acima de tudo, divertido, apresentar uma versão em audiovisual de maneira eschachada, contendo somente erros e gafes da equipe. Ressalvamos novamente que o vídeo não tem a pretensão de substituir este relatório em texto, apenas ilustrar, satirizar todo o desgastante e recompensador trabalho que tivemos. Afinal, seria impossível relatar em aproximadamente quatro minutos, mesmo com texto em *off*, todas as aventuras e agruras narradas neste relatório.

Devido ao curto espaço de tempo que separou a edição de *BaStiDoReS* da data da defesa à banca, por dispormos, conforme cronograma do LabVÍdeo, de datas para edições até o dia 11/12/98 (e foi somente nesse dia que editamos e finalizamos *BaStiDoReS*) e sendo a prioridade os três programetes, resolvemos concebê-lo da seguinte maneira: Usar somente imagens que não foram aproveitadas nos programetes, principalmente os erros das gravações. Editar as imagens de forma aleatória, sem o compromisso de uma cena dar continuidade à que viria em seguida. Os recursos técnicos utilizados para mudar de uma cena para outra seriam alternados entre cortes-secos, fusões ou outros efeitos.

Utilizamos também cenas em que o cinegrafista enquadrou mal, onde, por exemplo, corta o rosto da pessoa, cenas em que o editor cortou a imagem e a sonora antes do tempo certo, cenas em que a luz está péssima ou em que a iluminação falha, erros do apresentador, erros dos entrevistados, aplicação de efeitos sobre cenas onde não deveriam entrar, fusões mal feitas, a entrada da trilha sonora de forma brusca, uma mistura de caracteres na tipologia da arte, a total ausência de créditos nos entrevistados, entre outros erros e gafes que corroborem com a proposta: mostrar como não se faz televisão.

Para cobrir essas seqüências de cenas, cuja função é mostrar de forma bem-humorada e irônica o trabalho que tivemos, aplicamos, nas poucas cenas em que não há sonora ou que a original foi deletada, o trecho de uma música engraçada. A música escolhida não poderia ser outra: "Penélope", do CD de Castelo Rá-Tim-Bum, tema da personagem Penélope - a jornalista Penélope Chamosa do desenho animado "A corrida maluca". Afinal, foi uma corrida contra o tempo - um tempo bastante ocupado e nada livre, o que realizamos.



Como recursos gráficos, utilizamos arte e impressão de caracteres com tipografia colorida. Optamos por utilizar nessa edição, todas as imagens com o time-code da gravação (TCR) aparente, para caracterizar bem a idéia de trabalho por trás das câmeras.

Para nós o **TCR - Time-Code Recording** (Código do Tempo de Gravação), que apresenta na tela a passagem acelerada do tempo marcando hora-minuto-segundo-centésimo, demonstra perfeitamente o pique que representou concluir o "**Tempo Livre**" a tempo. E conseguimos em um bom tempo, apesar de tanta chuva. Daí passamos a chamar o TCR de Trabalho de Conclusão Realizado. E o **CTL**, que indica o tempo de contagem da máquina - do vídeo, apelidamos de: Começou o "**Tempo Livre**". Relaxe, assista, informe-se e divirta-se!!!!

